



PERFIL DE MÃES DE CRIANÇAS CARDIOPATAS CONGÊNITAS ACOMPANHADAS PELO SERVIÇO DE PSICOLOGIA EM UMA UTI PEDIÁTRICA DE PORTO ALEGRE

Eixo Horizontal: EH7: CONFIGURAÇÕES FAMILIARES

Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Laura Teixeira Bolaséll; Laura Nichele Foschiera; Caroline Zilli Luft; Pamela Leticia Crestani; Beatriz Woinarovicz; Carolina Schneider Silva;

Introdução: As Cardiopatias Congênitas, na maioria dos casos, possuem tratamentos prolongados e com diversas internações, muitas vezes na Unidade de Terapia Intensiva (UTI). As mães costumam ser os familiares mais presentes durante a internação e, diante das hospitalizações prolongadas, também se tornam pacientes a serem atendidas pelo serviço de psicologia. **Objetivo:** o presente estudo teve como objetivo descrever o perfil sócio demográfico e de enfrentamento da hospitalização de mães de pacientes cardiopatas congênitos internados em uma Unidade Pediátrica de Tratamento Intensivo. **Método:** O estudo possui caráter retrospectivo. A amostra contou com um total de 117 mães que receberam acompanhamento do Serviço de Psicologia entre o período de dezembro de 2017 até agosto de 2018. Os dados foram coletados a partir do prontuário eletrônico dos pacientes e de fichas preenchidas pelo Serviço de Psicologia. Para a análise dos dados, foi utilizado o programa SPSS. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Hospital da Criança Santo Antônio. **Resultados:** Em relação aos pacientes, 34,2% (n=40) possuíam até um mês de vida, 25,6% (n=30) entre 1 mês e 6 meses, 17,1% (n=20) entre 6 meses e 1 ano de vida e 24,1% entre 1 e 18 anos. A média de tempo de internação foi de 54,38 dias (DP=77,57), variando entre 2 dias (mínimo) e 488 dias (máximo), sendo que 52,6% já haviam tido outras internações. A média de idade das mães foi de 29,20 anos (DP=8,04). Em relação a procedência 51,7% eram do interior, 22,4% da Região Metropolitana, 13,8% eram provenientes de outro estado e 12,1% residiam na capital onde o estudo foi realizado. Quanto a sua ocupação, 45,4% se consideravam do lar. Destas mães, 61,5% eram as principais acompanhantes dos pacientes, 30,8% dividiam de forma igualitária o acompanhamento com o pai ou outro familiar e apenas 7,7% não eram as principais acompanhantes. Entre as estratégias de enfrentamento, a fé foi a mais utilizada (56%), seguida de busca por suporte social (20%), busca por informações referentes ao quadro clínico e diagnóstico do filho (12%) e confiança na equipe (10%). As mães foram acompanhadas pelo serviço de psicologia por uma média de tempo de 31,47 dias (DP=40,85). **Discussão:** Diante dos dados apresentados, entende-se que é fundamental considerar todas estas características no momento do atendimento psicológico. Sendo a maior parte das mães as principais acompanhantes dos pacientes, faz-se importante mapear rede de apoio, auxiliar na organização diante da rotina de hospitalização, bem como trabalhar o autocuidado das mesmas. A exposição destes dados se faz relevante, também, para a equipe da unidade, pois podem compreender comportamentos, atitudes e reações destes familiares diante do estresse e sofrimento vivenciado. **Conclusão:** o presente trabalho apresenta-se como significativo, pois mapeia aspectos e características das famílias que podem impactar na compreensão e enfrentamento da doença, bem como na adesão ao tratamento. Neste sentido, o estudo pode contribuir com as formas de pensar o atendimento psicológico de famílias internadas em UTI pediátrica, assim como colaborar com o trabalho de outros profissionais da saúde presentes neste contexto.